

# **FENOMONOLOGIA DA AÇÃO NA FEITURA DO TAPETE DE SERRAGEM NA FESTA DA PADROEIRA EM MORRO VERMELHO**

Camila Freitas Caniello – UFMG  
Miguel Mahfoud – UFMG

## **Resumo**

A feitura dos tapetes de serragem em festas religiosas é um ato caracterizado pela efemeridade e fragilidade, já que é feito com o objetivo de as imagens religiosas passarem sobre ele em procissão, destruindo-o. A partir desse fenômeno, investigamos o significado da feitura dos tapetes processionais para os sujeitos que os constroem em uma comunidade rural de Minas Gerais. Tomando a Fenomenologia como referencial teórico-metodológico, apresentamos entrevista feita com o responsável pelo tapete de serragem na festa de Nossa Senhora de Nazaré do vilarejo de Morro Vermelho. A análise do material coletado indica que a ação contém um significado que sintetiza tanto a necessidade do ser humano de agir para comunicar à realidade a sua pessoa quanto para se relacionar com o mundo onde vive de forma autêntica e radical. O ato de fazer o tapete representa o modo como o sujeito se relaciona com a comunidade, com o sagrado, além de ser o instrumento do sujeito para constituição da sua personalidade. Concluimos que o sujeito, diante de uma necessidade advinda da sua relação com uma alteridade, age para se colocar no mundo e para expressar sua personalidade.

**Palavras Chave:** Psicologia e cultura; ação; cultura popular.

## **Abstract**

The fabrication of wood filing carpets in religious ceremonies is a transitory act characterized by fragility, as it is done with the objective of having religious images walk over it in a procession, thus destroying it. Based on this phenomenon, we investigated the meaning of making these processional carpets for the subjects who are members of a rural community in the state of Minas Gerais in Brazil. Using Phenomenology as a theoretical e methodological reference, we present the results of an interview realized with the person responsible for the wood filing carpet at the ceremony of Our Lady of Nazareth in the town of Morro Vermelho. The analysis of the material collected reveals the act has a meaning that synthesizes both the human necessity to act in order to communicate his/her personal reality and to relate to the world in which he/she lives in an authentic and radical manner. The act of making the carpet represents the way in which the subject relates to the community and with the sacred, beyond being an instrument by which the subject constructs his personality. We conclude that the subject, due to a need stemming from his/her relationship with an alterity, acts in order to place himself in the world and to express his personality.

O ser humano está no mundo através da ação. É por ela que ele se apresenta à realidade e a constrói. Mas o ato encerra em si muito mais do que o simples fato de que, ao agir, deixamos nossa obra no mundo (Blondel, 1996). Existe uma dimensão subjetiva complexa e profunda que procura resposta humana à necessidade de constituição do ser (Giussani, 2000).

Os tapetes processionais ou tapetes de serragem são uma tradição nas festas religiosas católicas em todo o Brasil, particularmente em Minas Gerais. Feitos com serragem tingida e outros materiais, são confeccionados para enfeitar o chão por onde imagens religiosas passam em procissão.

A feitura requer, na maioria das vezes, um trabalho minucioso e, dependendo da extensão do tapete ou do nível de detalhamento da figura, um número considerável de pessoas. Geralmente é um trabalho demorado e os sujeitos que se dispõem a fazê-lo, se ocupam desta

tarefa por horas. Na feitura se passa pela difícil tarefa de fazer algo que contém, já na sua concepção, a efemeridade e a fragilidade como característica. Neste tipo de atividade, a importância não está depositada na obra (o tapete, no caso), já que, no instante mesmo em que ela finaliza, a expectativa é de que seja destruída. Se a perpetuação do tapete é secundária em relação ao ato de fazê-lo, surge a pergunta: qual é, então, o significado de se fazer os tapetes de serragem na festa da padroeira?

O objetivo deste trabalho é buscar a compreensão do significado da ação na feitura do tapete de serragem na festa da padroeira no povoado rural de Morro Vermelho – MG.

## **REFERENCIAL TEÓRICO – METODOLÓGICO**

Para se tentar abarcar uma discussão que consiga captar o sentido da estrutura que se apresenta no vivido (Amatuzzi, 2001) é preciso enxergar o humano sob a óptica da fenomenologia, corrente filosófica que busca entender os fenômenos, isto é, compreender a realidade através de uma suspensão das impressões prévias do pesquisador quando este se encontra com o objeto. Dessa relação emerge o conhecimento (Ales Bello, 2004). A pesquisa de caráter fenomenológico é aquela que coloca a atenção no fenômeno, ou seja, àquilo que se mostra na relação com o sujeito (Van Der Leeuw, 1964). Neste encontro estabelecido, a experiência do vivido é reconstituída pelo sujeito explicitando-se uma estrutura essencial ao ser humano que faz com que, do caráter subjetivo encontrado na descrição da vivência, se alcance a estrutura da vivência.

### **Ação**

O conceito de ação utilizado tem raízes filosóficas e foi discutido principalmente por Maurice Blondel, filósofo francês que desenvolveu o que se conhece atualmente pela “Filosofia da Ação”. Maurice Blondel (1938), apresenta em sua obra “La Acion – Ensayo de una Crítica de la Vida y de una Ciencia de la Práctica” a idéia de que a ação humana é objeto de reflexão da filosofia porque ela traz em si um significado que está relacionado com o destino do homem (Duméry, 1954).

Para Blondel, a ação se desdobra em conjunto de um sujeito com uma alteridade, ela acontece através de uma relação. Esta alteridade que transcende o agente indica a ele seu caráter de incompletude, de fragilidade. Diante desta consciência, surge, pela tensão desta evidência, uma força motriz que pretende constituir na realidade algo que ultrapasse sua incompletude e que tenda para o eterno. O ser humano, portanto, age para, acima de tudo, se revelar para o mundo, para se comunicar com ele através do seu movimento. Portanto, o próprio ser humano se reconhece e é reconhecido, ou melhor, se constitui e é constituído quando se põe em ação. (Arendt, 1999)

A ação é um movimento carregado de significados que estão relacionados com o destino último ou o sentido da existência do agente. É importante ressaltar que a natureza humana, caracterizada pela sua limitação ou incompletude, é impelida a se mover em relação com algo que a transcende para que seja plenamente satisfeita e constituída. Assim, o agir, afinado com essa necessidade mais íntima do ser, é movimento constituinte que não deve ser menosprezado, e sim, focalizado como centro de expressão das exigências últimas e possibilidade de constituição de significado para a vida (Giussani, 2000).

O ato, portanto, pode ser entendido como a exteriorização de uma potência que aceita a se relacionar com algo que lhe é exterior e que carrega em si uma exigência de que aquilo que o sujeito se coloca a fazer seja um gesto reconhecido por uma alteridade (tanto no sentido religioso quanto no sentido de relações sociais). Além disso, existe uma necessidade de que o ato represente a contribuição pessoal do sujeito na manutenção da realidade e que ele o satisfaça no sentido de que torne a sua vida plena de sentido (Frankl, 1986).

## **METODOLOGIA**

A escolha dos sujeitos se deu por amostragem intencional. O critério para a escolha se baseou no comprometimento radical com processo de feitura dos tapetes, ou seja, aquelas

pessoas que se responsabilizam pela atividade perante a comunidade há vários anos e que são reconhecidas por ela nesta tarefa. A partir deste critério foram escolhidos dois sujeitos que, há quase vinte anos, são os responsáveis pela decoração dos tapetes para a procissão da padroeira: Paulo.

Para a coleta de dados recorreu-se a entrevista semi-estruturada e observação participante, tentando captar a estrutura da experiência de elaboração dos sujeitos frente à problemática apresentada (Amatuzzi, 1996). Vale ressaltar que as entrevistas foram realizadas no dia da festa da padroeira, antes de se começarem os preparativos para a feitura dos tapetes.

Na análise dos dados usou-se o método fenomenológico e baseou-se no seguinte roteiro (Van Der Leeuw, 1964): leitura minuciosa e atenta da entrevista; estabelecimento de categorias conectadas em que é possível se explicitar a elaboração dos sujeitos; focalização na estrutura da vivência do humano presente nos relatos; confronto dos relatos com o referencial teórico e conclusão dos dados para generalização da experiência.

## **RESULTADOS**

Emerge do relato do sujeito o significado de se fazer os tapetes. Este significado é, na verdade, uma gama de significações que estão relacionadas com a constituição da pessoa agente e que estão divididas em seis categorias de análise em que se percebe, não uma segmentação, mas uma conexão de significados que constituem o ato.

### **1- Ação como atenção à solicitação da alteridade**

Paulo, em seu relato, conta sobre um relacionamento com uma alteridade que o inspira na escolha dos desenhos que ele deve usar como molde do tapete. Ele explicita um solicitação desta alteridade e a chama de inspiração.

É. Sempre deu certo assim. Aí o quê que acontece, hoje vai chegando o mês de agosto a gente tem... A gente nem conversa, vai chegando o mês de agosto você já vai prestando atenção aqui, ali.

Você vai trabalhando, você vai passando, você vai olhando, você vai prestando atenção naquilo que pode chegar num desenho, aqui no caso.

Então eu acho que é isso aí: você trabalha o ano inteiro fora, eu trabalho fora e trabalho aqui, a gente sempre trabalhando, e você até vê alguma coisa, mas chega mês de agosto você já pensa naquilo [desenho para o tapete]: vai ter que sair alguma coisa e sempre sai.

Vai chegando o mês de agosto parece que a inspiração vem, a gente conversa...

Observa-se aqui um primeiro movimento por parte do sujeito que é uma atitude de atenção ante a realidade. Fica claro que o que ele descreve como inspiração é uma relação com algo que lhe é exterior que começa a se estabelecer um mês antes de se fazer o tapete. É o momento de estar atento à realidade. Este é para o sujeito o início do processo de se fazer os tapetes.

No que diz respeito à inspiração, o sujeito mostra que esse movimento não é passivo e, da mesma forma, não é meramente uma escolha por parte dele, é uma relação tensa em que se espera, se atenta para a realidade:

Ele, de vez em quando ele vira assim: “Ô, Paulo, vamos fazer aquele mesmo” é... Parece que a inspiração não vem na hora “vamos fazer o

mesmo que a gente fez um, dois anos, três anos atrás”. Eu falo assim: não.

A ação pode ser vista aqui como um posicionamento diante de uma solicitação de algo que é externo ao sujeito, que está na realidade. Então, o ato é também expressão da resposta dada a esta solicitação, estabelecendo-se assim uma relação concreta com a realidade.

## **2- A Ação como partilha de algo que faz sentido**

Nesta categoria o que é apresentado é a importância de existir pessoas que agem em conjunto com o sujeito e o que isso significa para a motivação do ato:

Paulo: (...) e que tá com, já tem gente que está mexendo comigo nesse tapete há quase o mesmo tempo que eu. Já chego aqui “Ô Paulo, que tem que fazer” é você vê que gosta também, então é bom você trabalhar assim, não é? Qualquer lugar que você vê é assim...

Camila: Por que é bom trabalhar assim?

Paulo: É porque você vê a satisfação de você estar fazendo as coisas e com eles também...

Camila: Satisfação? Não entendi...

Paulo: É uma satisfação que eu sinto de... (...) que eles também estão agradando e estão querendo fazer.

Paulo: A expectativa da gente é se começar a fazer. Então a partir daquele momento que cê vê a aceitação é isso que começa. Aí já começa a pensar, vai dar certo.

Camila: Essa aceitação é de quem?

Paulo: de todo mundo, até do pessoal que trabalha comigo. Principalmente deles. Porque eles tão comigo, né, então, eu olho muito o lado deles, eles admiram, olham o quê que tão fazendo, se vai da certo. Aí, deu certo. Dá sempre certo. Então sempre dá certo, cê vê que a gente faz tudo com vontade, então tudo tem que dar certo.

Paulo fala da satisfação de saber que o significado do ato de se fazer o tapete é compartilhado por mais pessoas além dele. Isso consolida o significado de se fazer o tapete. Ele demonstra isso também na segurança da permanência do ato, mesmo depois que ele não tiver mais condições de participar:

Paulo: Se um dia eu largar, porque a gente não sabe o que pode acontecer, eu tenho certeza que desse pessoal que tá comigo aqui e com ele, vai sair um ou dois que vão tá fazendo o que a gente faz. Você entendeu?

Camila: E isso é importante...

Paulo: Isso é que é importante pra não deixar acabar, nunca.

Paulo: Eu tenho que fazer. Eu quero ensinar minha filha a fazer depois, porque se alguém largar ela vai ter que fazer pra mim. Entendeu? Então, pra ela ter a mesma felicidade que eu estou tendo hoje. Você entendeu? É, é uma coisa esquisita de falar, né, mas é... a satisfação que eu tenho é essa.

Paulo: (...) Eu quero que, pelo menos uma pessoa dos que trabalham comigo hoje, o dia que eu tiver que largar, eles pegam no meu lugar, porque é o que eu fiz.

Paulo: (...) Eles também, é, acho que eles também têm essa mesma satisfação que eu, talvez, não tão, tão grande.

O ato compreende uma significação que é reconhecidamente partilhada pelos companheiros. Essa partilha expressa para o sujeito a segurança de que a ação vai se manter, mesmo quando ele não puder mais agir. No ato de cada um dos que farão o tapete depois que o sujeito não puder mais fazer, estará, em potencial o ato dele partilhado hoje.

### **3 – A ação como contribuição pessoal à manutenção da tradição**

O sujeito também expressa no seu relato como a ação é uma possibilidade de contribuição pessoal para a manutenção da tradição da festa, que pertence ao seu mundo-da-vida:

Camila: Você falou pra mim que é tradição, né fazer o tapete...

Paulo: Também, também...

Camila: Só que é uma surpresa também porque todo o ano é novo.

Paulo: é, todo ano é novo.

Camila: Como é isso, uma festa que é toda tradicional, sempre a mesma coisa e aí o tapete é sempre a surpresa?

Paulo: Eu acho que é a única coisa que evolui nessa festa é isso.

Camila: Mas é tradicional também...

Paulo: Mas ele tem que evoluir. Ele tem que mudar. Porque você fazer, é igual a gente enfeitou no dia sete, você faz um enfeite só todo mundo já sabe que é aquele enfeite, ele só muda a cor, mas o estilo é o mesmo. Eu não quero isso. Tem que mudar. Tem que evoluir.

Camila: Por que?

Paulo: Pra um dia a pessoa chegar e falar assim: “ô, gente é... é a única coisa ali que sempre mudou”. Pelo menos isso aí, é... Talvez no futuro que eu for embora e tudo alguém lembra, né, assim: “Paulo consegui fazer isso, mudar todo o ano”. (...) Fazer diferente. Em cima de uma tradição. Talvez seja isso.

Paulo: Porque eu sempre trabalho em cima de... A tradição tem que existir, não pode acabar nunca eu não quero que acaba nunca, desse pessoal que trabalha comigo, pelo menos um tem que virar e fazer o que eu e estou fazendo porque tem que ter a tradição pra não acabar nunca. Mas, tem que ter um brilho e mudar aquilo ali pra não virar rotina.

Camila: Você falou do brilho. Falou assim: isso aqui é um brilho na festa.

Paulo: é.

Camila: Como é que é isso? Não entendi muito bem...

Paulo: é mudança, é você fazer aquilo com carinho, com amor, com vontade de todo mundo achar bom.

Camila: Mas isso também faz parte da tradição?

Paulo: Faz.

Paulo, ao mesmo tempo em que reconhece a importância de se manter a tradição, que caracteriza a comunidade em que vive, consegue dar sua contribuição pessoal para a manutenção dela. Coloca, com seu ato, descrito por ele como original, uma marca pessoal na tradição que é mantida. Ele participa da comunidade construindo seu mundo-da-vida, mas com sua contribuição pessoal, explícita.

### **4 – O olhar do outro como constituição de significado**

Paulo descreve como o olhar de quem os observa em ato participa da constituição do sentido da ação:

Tonhozinho: A gente tá fazendo eles chegam na beirada: “Está ficando bonito”

Paulo: É. Sempre quando a gente tá fazendo o pessoal fica do lado fazendo...

Camila: ajudando?

Paulo: não a gente, os meninos ajudam.

Camila: ficam olhando...

Paulo: olhando e admirando e é isso que importa pra gente.

Camila: Como assim, importa pra gente?

Paulo: Uai, nós trabalhamos pra isso, é igual nós fizemos aqui ontem, você não viu? A gente fica aqui, você brinca, você fala, mas tudo a gente trabalha assim, tudo em cima daquilo, desde...

Tonhozinho: porque senão não tem graça

Paulo: A gente sempre acha que não vai dar certo.

Camila: Por que?

Paulo: a expectativa da gente é se começar a fazer. Então a partir daquele momento que cê vê a aceitação é isso que começa. Aí já começa a pensar, vai dar certo.

Camila: Essa aceitação é de quem?

Paulo: De todo mundo, até do pessoal que trabalha comigo. Principalmente deles.

Paulo: Hoje, vai passando um tempo a gente vai conversando, o pessoal daqui espera como é que vai ser, porque que vai ser, como... Então eu tenho que fazer. Eu tenho que fazer

Paulo: Eles vêm pra ver alguma coisa diferente, eles vêm alguma coisa diferente, eles já sabem que não vai ser o que é todo dia aqui. Eles já sabem, ficam esperando você. “Quê que ele vai fazer? (...) O quê que vai sair?” Você fica no meio fazendo e o pessoal do lado sempre assim mudou, até aquela pessoa que nunca viu é... Acha que está vendo que você está fazendo com tanta vontade que ele acha aquilo bonito. Então pra mim tá bom.

O olhar de quem os observa em ação mostra a aprovação do trabalho e mostra também que a ação é feita para que as pessoas olhem, para que os outros vejam. Descreve-se aqui, como é preciso que os outros vejam a carga de significação que este ato tem para cada uma das pessoas que atuam.

## **5 – O ato como posicionamento diante do sagrado**

Paulo, durante todo o percurso da entrevista nos lembra que o ato é feito em agradecimento ou para agradar a padroeira. Pontualmente, permeando todos os outros significados, ele retoma este posicionamento diante do sagrado:

Paulo: (...) Eu tenho que fazer alguma coisa por tudo que já me ocorreu através dessa festa aqui. Então eu acho assim, é um gosto que não dá pra explicar.

Camila: É um jeito de fazer...

Paulo: Pra agradecer.

Camila: Então o tapete é o agradeciment...

Paulo: Eu acho. Principalmente depois que eu tive minha filha. Aí que veio mesmo.

Paulo: E só ela [Nossa Senhora]. Só ela e a banda atrás, eu não deixo ninguém mais entrar.

Camila: Por quê?

Paulo: Porque é pra ela. Pra ela.

Paulo: (...) acho que ela tem que andar ali no meio. Ela vai, carregada no andor, mas ela está andando ali no meio. Então... É um amor... Entende?... Não dá pra falar, é uma coisa... É estranho até, né porque você trabalha um an, um dia do ano você faz tudo, mas é aquela felicidade na hora ninguém explica. Ninguém explica. (risos)

Paulo: (...) E eu não tô agradando a eles também não

Camila: Quem que você tá agradando?

Paulo: Nossa Senhora. Nossa Senhora.

Camila: Faz pra ela...

Paulo: Faz pra ela. Minha esposa é de Caeté ela não é daqui não. Mas hoje ela vê que o que eu faço não é pra ninguém. Não é pra ninguém. Ela fica aqui o tempo todo me olhando fazer e nem acha ruim mais porque sabe que eu vou fazer. E é uma vida que eu tenho em cima disso aí, né... É a vida da gente.

Paulo: Eu acho que eu vou agradar muito mais pra Nossa Senhora eu planejando as coisas do que chegar na hora e você não conseguir fazer.

Paulo: Nós temos que agradecer pra ela, ué. Então, depois que ela tá saindo, depois que a gente tá chegando com Nossa Senhora aqui, eu acho que esse que é, esse agradecimento que eu recebo.

Camila: Qual?

Paulo: O dela ver. Parece que eu tô vendo a felicidade, alegria na... Eu acho que é uma imagem, mas é... O coração é uma coisa, né. Então acho que eu tô vendo o coração, tá feliz.

Camila: E, assim: a Nossa Senhora sai, anda depois volta.

Paulo: Depois volta.

Camila: E como é a coisa da saída, depois a entrada.

Paulo: A saída é a primeira vez que ela tá passando.

Camila: Primeira vez que ela tá passando.

Paulo: É. E depois eu acho assim, ela tá saindo tá sentindo alegria de tá saindo, mas alegria maior é que ela tá chegando.

Camila: Por que, Paulo?

Paulo: Não sei. Assim tá me agradecendo, deve ser. Pelo que eu fiz.

Camila: Cê acha então que na hora que ela volta agradece.

Paulo: Que ela agradece. E quando ela tá saindo ela tá sentindo aquilo novo, né. Na volta ela tá me agradecendo.

Camila: E como é que ela agradece?

Paulo: expressão de feliz, né.

Nestes depoimentos Paulo mostra como ele se relaciona com o sagrado através da sua ação. Ele diz de um ímpeto em se fazer o tapete, pois a forma de agradecer essa relação que ele estabelece com a padroeira é fazendo o tapete. E isso permeia todos os outros significados, pois em todo os momentos do relato ele retoma esta relação com o sagrado, ele explicita isso.

## 6 – A ação como constituição do sentido da vida

Assim como a experiência com o sagrado, durante todo o relato de Paulo aparece a importância do ato para a constituição de sentido para sua vida. Como a ação está relacionada com a constituição de suas personalidades de forma concreta, radical:

Paulo: Isso é que é importante pra não deixar acabar, nunca.

Camila: Por que não pode acabar?

Paulo: Não pode, isso aqui é, eu acho que é até uma vida da gente...

Camila: Como é que é?

Paulo: Eu acho que é até uma vida pra gente isso aqui.

Camila: É uma vida?

Paulo: Eu acho que é...

Paulo: Ah... É uma espera.

Camila: E como é essa espera?

Paulo: É uma alegria. É o que eu falo com você. Eu tenho uma felicidade enorme de fazer isso. Enorme. Eu faço porque gosto mesmo.

Camila: Não podia ser outra coisa?

Paulo: Não. Não podia.

Paulo; (...) Não dá pra falar, é uma coisa... É estranho até, né porque você trabalha um an, um dia do ano você faz tudo, mas é aquela felicidade, na hora ninguém explica. Ninguém explica. (risos)

Paulo: (...) Então eu tenho que fazer. Eu tenho que fazer. Eu quero ensinar minha filha a fazer depois, porque se alguém largar ela vai ter que fazer pra mim. Entendeu? Então, pra ela ter a mesma felicidade que eu tô tendo hoje. Você entendeu? É, é uma coisa esquisita de falar, né, mas é... a satisfação que eu tenho é essa.

Camila: Como é que ia ser sua vida se não tivesse esse tapete?

Paulo: Não sei. Mas não ia ser boa não. Durante esses dias aqui eu tenho certeza que não ia ser boa não.

Camila: Por que, Paulo?

Paulo: Porque eu faço com vontade, com amor que a gente fala, né? Então, é o que eu fazia antes, o pessoal chegava aí e eu tava fazendo sem... Eu vi o pessoal fazendo uns desenhos tudo na hora, eu falei assim: isso não pode ser na hora, mas também não criticava, eu pegava e fazia tudo o que o, o pessoal faz pra mim hoje, eu fazia pra eles. Sempre achando isso: não pode, isso não pode ser na hora, isso tem que ser feito antes, você tem que... Não é planejar é, é, chegar na hora e já tá com tudo pronto pra você, né, faz... Então é em cima disso.

Paulo: Vala a pena, não vale? É por isso que nós fazemos, pra valer a pena.

Camila: Eu que te pergunto...

Paulo: é porque vale a pena...

Camila: Você acha que vala a pena?

Paulo: é por isso, a gente trabalha o tempo todo em cima disso e com alegria...



Paulo demonstra como a ação constitui sua vida, a torna plena de significado, o coloca em contato com o mundo de uma forma autêntica e significativa. A ação é o lugar no tempo e no espaço onde existe, para o sujeito, a possibilidade de se ampliar para o ilimitado, se relacionar com ele.

## CONCLUSÃO

A ação humana tende a revestir um caráter universal e a converter-se em uma expressão do humano vivente. O ato desenvolvido está mais cheio de significados do que a própria obra a que ele se propõe. É como se a obra fosse um pretexto para que ele exteriorize uma necessidade, uma tensão que o ser humano forma que tende para além do tempo e do espaço (Blondel, 1996).

Cada homem, ao agir, independente do modo com o qual age, o faz por uma necessidade de se constituir. Porque diante da consciência do determinismo de sua limitação, existe a vontade de se colocar diante deste determinismo como um ímpeto de busca pelo ilimitado (Neves, 1999).

A feitura dos tapetes é expressão de inúmeras significações por parte do sujeito que age. Este fenômeno mostra que a ação de fazer o tapete, além de introduzir o agente na realidade, forma sua personalidade frente aos outros e à si mesmo. Com este único ato o sujeito se posiciona diante da comunidade em que vive, diante do sagrado que é parte do seu mundo-da-vida, diante de uma solicitação que o transcende e que brota no encontro com a realidade, e diante do significado último da sua própria vida.

Portanto, agir, ou seja, fazer o tapete significa colocar o sujeito em uma relação radical com o mundo e o constituir como pessoa. O ato dá sentido à existência do Paulo e sintetiza as relações que ele estabelece com o mundo. Pode-se dizer que a ação, neste caso, é um instrumento de comunicação do sujeito com a realidade, é onde ele expressa para o mundo o sentido da sua existência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALES BELLO, Angela. *Fenomenologia e Ciências Humanas: psicologia, história e religião*. Tradução e Organização de Miguel Mahfoud e Marina Massimi. 1. ed. (português). Bauru: Edusc, 2004. (Filosofia e Política).
- AMATUZZI, Mauro Martins. Apontamentos Acerca da Pesquisa Fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, vol. 13, n. 1, p. 5-10, 1996.
- AMATUZZI, Mauro Martins *Por uma Psicologia Humana*. Campinas: Editora Alínea, 2001.
- ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1999.
- BLONDEL, Maurice. *La Accion: ensayo de una critica de la vida y de una ciencia de la práctica*. Tradução, introdução e notas de: Juan Maria Isasi e Cesar Izquierdo. (espanhol). Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1996.
- DUMÉRY, Henry. Maurice Blondel ou a Filosofia da Ação. *Revista Brasileira de Filosofia*. São Paulo, v. 4, n. .3, p. 359-371, julho. 1954.
- FRANKL, Viktor. *Psicoterapia e Sentido da Vida: fundamentos da logoterapia e análise Existencial*. Tradução de: Alípio Maia de Castro. (português). São Paulo: Quadrante, 1986.
- GIUSSANI, Luigi. *O senso religioso: Primeiro volume do PerCurso*. Tradução de: Paulo Afonso E. Oliveira. (português). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

NEVES, Maria do Céu Patrão. O sentido do humano: entre o determinismo e a liberdade. *Revista Portuguesa de Filosofia*. Braga, t. XLIX, fasc. 3, p 339-355, julho/setembro, 1993.

VAN DER LEEUW, Gerardus. *Fenomenologia de la Religion*. Tradução de: Ernesto de la Pena. 1. ed. (espanhol). México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1964.